

# XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

## II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG



ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



### **A Face Obscura Do Padre Mestre: As denúncias contra o Frei Caetano de Messina no papel re-doutrinador em Taubaté-SP em 1876**

Evily Lima Menezes<sup>1</sup>

Weinar Santos Silva<sup>2</sup>

#### **1. INTRODUÇÃO**

Na vila de Castanea da Província de Messina, na Itália, no ano de 1807 nascia Santi Lentini o filho de Caetano Lentini e Maria Panti Lentini. De acordo com Maria Loreto (1983) ele foi ordenado em 1836, quando fez sua primeira profissão e um ano depois, recebe o hábito da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, onde então mudou seu nome para Gaetano<sup>3</sup>. Após receber a ordenança para o sacerdócio foi professor de Teologia e filosofia, e, em Castanea no ano de 1837, havendo um surto de cólera-morbo, que devastou a cidade, fora atuante prestando um serviço de grande valor a população doente, animando os afligidos pela doença e confessando os moribundos.

Caetano chega em terras brasílicas em 1840 e teria pela frente grandes desafios nas missões capuchinhas pelo país, mesmo já tendo uma boa base na Itália. Ele atuou em diversas províncias como Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Entretanto, é na região do nordeste onde ganha mais destaque, desenvolvendo papéis além do evangelista, mas também trazendo renovação para a vida urbana da população das localidades por onde passava, através da construção de hospitais cemitérios, igrejas, chafarizes; como o que existe até os dias de hoje na cidade de Trunfo – PE. Tais ações movidas pelo Frei são citadas por Karsburg (2015) como “método apostólico

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade Católica de Pernambuco. Foi PIBIC CNPq 2019-2020/ Voluntária PIBIC/UNICAP 2020-2021. e-mail: evilylimamenezes@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em História pela Universidade Católica de Pernambuco (2020.1). Voluntária do PIBIC/UNICAP 2021-2022). E-mail: weinar.nena@gmail.com

<sup>3</sup> No Brasil foi conhecido como Caetano

capuchinho [...] Incentivar e estar à frente dessas operações fazia parte do método dos frades italianos...” (Karsburg, 2015, p. 4).

O Frei Caetano de Messina se mostrou um incentivador da educação e fundou/organizou várias escolas para meninas, com o intuito de educá-las e resguardá-las da prostituição que se alastrava devido as guerras. Como exemplo disso temos a Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho em Pernambuco, onde até os dias atuais existe um colégio. Ele também é caracterizado com um homem de boas relações políticas, era próximo do Imperador e foi peça fundamental no projeto pacificador dos capuchinhos nas revoltas e conflitos populares. Como exemplo vê-se sua atuação na Guerra dos Marimbondos (1852) na cidade de Paudalho-PE, que ocorreu por revolta popular contra o primeiro senso populacional no período imperial.

Todos esses fatores levaram honrarias ao nome do Frei em vida e post-mortem. Entretanto, sua passagem na cidade em Taubaté-SP (1876) gerou grande movimentação nos periódicos. A sua chegada foi aguardada por grande parte da população, contudo, as ações do Frei nessa comarca foram interpretadas por alguns jornais como um fanatismo, devido ao seu discurso de combate a heresias, exortação aos fiéis a não se contaminarem, sermões doutrinários romanos, a buscarem o arrependimento com casos de fieis que se utilizaram de penitências e autoflagelamento para remissão de pecados. Com esses discursos Frei Caetano de Messina despertou a indignação de uma parte da imprensa que em suas páginas de jornais destilavam toda revolta contra as ações de Messina, dando rosto a face obscura do Padre Mestre (apelido do Frei). O caso a ser tratado nesse artigo relata as visões midiáticas disponibilizadas nos periódicos da época. Não faz parte do ofício do historiador ser detentor da verdade, logo, não há aqui a intenção de defender ou condenar o Frei Caetano.

## **2. EM TAUBATÉ: JULHO DE 1876**

Em 18 de junho de 1876 chegava na comarca de Taubaté o Frei Caetano de Messina, depois de um curto período em Capaçava-SP<sup>4</sup>. O frei estava fazendo diversas

---

<sup>4</sup> FILHO, Felix Guisard. “FREI DE CAETANO DE MESSINA EM TAUBATÉ”. Correio Paulistano. São Paulo,

missões evangelizadoras e re-doutrinadoras na região paulistana após se transferir de Pernambuco, província a qual dedicou muitos anos de sua vida. Isso ocorreu após o seu apoio na libertação dos bispos envolvidos na *Questão Religiosa*<sup>5</sup>. De acordo com Alexandre Costa (2017) o frei, em sua estadia na província de São Paulo, recebe a “Encíclica Exortae do Papa Pio IX (1876), e a carta do Procurador Geral da Ordem que autorizava a leitura pública da encíclica condenando a maçonaria” (p. 134-135), e decorrente disso ele começa sua jornada de re-doutrinação pelo estado. Mas antes de nos aprofundarmos nesse fato vale destacar que apesar do não envolvimento direto do Frei com a *Questão Religiosa* ele sempre se mostrou contra a imparcialidade permitida pela Coroa da perpetuação da Maçonaria em um país oficialmente católico. Costa afirma “Frei Caetano de Messina salientou a sua indisposição com as medidas geridas pelo Governo na contenção das atividades do episcopado” (p. 132). Em ato de protesto perante a atitude do imperador de prender os bispos envolvidos no movimento, Messina deixou o Paço Imperial “mesmo servindo à D. Pedro II como conselheiro” (p. 132). Entretanto, ele manteve uma relação amigável com o Governo e foi peça fundamental no convencimento de D. Pedro II na libertação desses bispos.

A instituição do padroado limitava bastante a atuação e até o local no qual os clérigos atuavam. De fato, o movimento da década de 70 culminou na mudança de postura do Frei depois de anos insatisfeito com as imposições da Coroa. É então nesse cenário de “crise religiosa-política”, intensificado após a encíclica e a carta de 1876, que ele começa a fazer missões nas freguesias no intuito de pregar o catolicismo sem as amarras do Império, anunciando o repúdio a maçonaria, a doutrina tridentina e a confissão de pecados. Tal atitude do Padre Mestre foi tanto elogiada como condenada nos periódicos em suas diferentes vertentes ideológicas. Vale ressaltar que os jornais que condenavam essas missões do Frei não eram necessariamente jornais a favor do Império. Geralmente as críticas partiam dos liberais, que defendiam o estado laico e

---

n. 24220, 09/03/1935, ano LXXXI, p.2. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/090972\\_08/6997](http://memoria.bn.br/DocReader/090972_08/6997). Acesso em: 10 de fev. de 2022

<sup>5</sup> A Questão religiosa foi um movimento que ocorreu na década de 1870 liderado pelos bispos de Belém, Dom Macedo, e Olinda-Recife, Dom Vital de Maria, contra a recusa do Imperador D. Pedro II a execução da Encíclica *Syllabus*, do Papa Pio IX (1864), de expulsar todo fiel católico envolto na Maçonaria. Em consequência o Imperador prende os bispos envolvidos nesse movimento. Alexandre Costa (2017) cita João Fagundes Hauck (2008): “a Questão religiosa foi em primeiro lugar uma transplantação para o Brasil da controvérsia liberal e ultramontana, que agitava os países católicos na Europa. O que sucedia principalmente na França e Itália, se projetava como reflexo no Brasil imperial” (MENEZES, 2020, p. 2)

eram contra o império, mas tinham uma grande parcela de maçons. Os jornais de defesa, os católicos, eram a favor do Império por causa da oficialidade e exclusividade da religião católica, contudo, não eram a favor da atitude autoritária de D. Pedro II perante a Igreja. De forma antagônica ao lógico, os jornais liberais acabavam “apoando” o Império se opondo as ações de Messina, e os jornais católicos acabavam sendo “contra” ao governo ao apoiar-lo. Percebe-se então que essa briga midiática não foi movida por grupos que defendiam/concordavam com o imperador, mas por defesas de ideologias, sejam religiosas ou políticas.

Essas críticas começam logo nas suas primeiras missões, como em Capaçava-SP, mas é em Taubaté que ela ganha mais visibilidade e proporções. Os três principais veículos desse fato eram o *Diário de São Paulo (SP)*, *Correio Paulistano (SP)* e *A República (SP)*.

### **3. A FACE OBSCURA DO FREI ESTAMPADA NOS JORNAIS**

Conhecido por seus feitos na região Nordeste do Brasil, o Frei Caetano chega à Taubaté em 18 de junho 1876 e parte em 22 de julho do mesmo ano, com a missão de renovar a fé e a esperança dos habitantes da cidade através de seus sermões cheios de autoridade, exortando a todos a importância de exercer a verdadeira fé católica, com métodos vistos por alguns como fanatismo, despertando assim o repúdio de alguns jornais da imprensa paulistana.

Os periódicos *Correio Paulistano* e *A República* não poupavam críticas ao Frei. Criticado por incentivar autoflagelamento, incentivo aos fiéis para que não adquirissem jornais seculares, mas que dessem prioridade aos jornais de cunho religioso, em especial jornais católicos. Dentre seus muitos atos repudiados pela imprensa vemos também a intolerância quanto a religiões estrangeiras e até discursos contra os próprios estrangeiros, Messina seria duro quando se tratava de alertar os fiéis quanto a aceitação de outras religiões, que denominava de seitas, principalmente a maçonaria, travando uma luta ferrenha para conter o progresso no campo religioso dos maçons e assim mantendo seus fiéis dentro dos costumes católicos.

Veremos tópicos a seguir enfatizando algumas das colunas dos jornais que expressando um verdadeiro desgaste entre a imprensa e o Frei.

### 3.1 CORREIO PAULISTANO X MESSINA

A recriminação contra as atitudes do Frei Caetano nos periódicos paulistanos inicia logo após sua chegada na cidade. A sua vinda alterava a programação comum semanal da população. De acordo com este periódico o frei estava atrapalhando a economia da região impedindo as pessoas de trabalharem e as fazendo trabalhar em reformas nos conventos e igrejas e assistirem incansavelmente as missas. Além de estar extorquindo dinheiro dos leigos fiéis para a fundação de um colégio na região. A incansável rotina imposta por ele era interpretada como puro ato de fanatismo. E um dos argumentos que utilizam era a exigência dele de pedir que a população parasse de consumir jornais ímpios e comprassem o *Apóstolo*<sup>6</sup>, mesmo sem dinheiro:

Um destes dias aconselhou o povo que escutava que não assinasse jornalecos, mas unicamente Apostolo; quando não tivesse dinheiro fosse pedir esmola ou emprestado para esse piedoso fim. [...] Um dia desta semana, em uma de suas missões disse ao povo que não era preciso os pais mandarem seus à escola. De nada servia saber ler e escrever. Veja o público sensato até onde chega o atrevimento do audaz capuchinho.<sup>7</sup>

Em outra edição do mesmo ano o *Correio* ataca o Frei Caetano o apontando como incentivador da perseguição aos maçons despertando em quem não seguia seus ensinamentos um sentimento de medo e alerta constante. Para defesa dessa perspectiva o periódico utiliza da doutrina católica, afirmando que o Frei estava se colocando acima de todos quando o único soberano dentro do catolicismo é o Papa e por isso seria o único que poderia exigir obediência cega, colocam o Frei como um furioso neo-católico:

Bem que sejam muito conhecidos em São Paulo os disparates de Frei Caetano de Messina, convém que leiam a seguinte notícia de S. José do Paraíso, que saiu no Jornal do Comercio de ontem: Tem fantasiado o povo a tal ponto que, cercado de mais de 6.000 pessoas diariamente, tem nesse grande ajuntamento um exército cego e disciplinado pronto a qualquer cometimento. No dia que este Frade quizer devastará toda esta localidade. Os que não o acompanham vivem em contínuo sobressalto, são ameaçados de ser apedrejados e mortos! A intriga nas famílias tem chegado a um estado lamentável; pais, filhos e parentes perseguem-se mutuamente sob pretexto de maçonaria. Chama a atenção do povo contra um ou outro indivíduo que ele indica como maçom. No confessionário tem feito proezas. De seus pés se levantam penitentes persuadidos, que podem assassinar impunemente a maçons, pois que serão com isto bem-vistos por Deus.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Periódico religioso, dedicado a doutrina e interesses da religião.

<sup>7</sup> "TAUBATÉ". *Correio Paulistano*. São Paulo, n. 5930, 30/07/1876, ano XXIII, p.2. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/090972\\_03/7344](http://memoria.bn.br/DocReader/090972_03/7344). Acesso em 10 de fev. de 2022

<sup>8</sup> LIBERAL, Velho. "LIBERDADE DOS CULTOS - XLI". *Correio Paulistano*. São Paulo, n. 6030, 30/11/1876,

O *Correio* só altera seu argumento após a morte do Frei. Anos após, em 1935<sup>9</sup>, seria este jornal responsável em fazer uma grande matéria elogiando as ações do Frei em Taubaté em 1876.

### 3.2 O FREI AVENTUREIRO DO JORNAL A REPÚBLICA

Além do *Correio Paulistano*, o jornal *A República* repudiava veemente a postura de Messina e até fazia comparações a outros religiosos considerados fanáticos. Em uma das colunas é possível ver o pedido de apoio para conseguir a expulsão de Messina sem nenhum receio de represaria por parte de seus apoiadores inclusive chamando a população que seguia seus ensinamentos de infelizes e afirmando que o Frei vem zombando e se aproveitando da boa-fé dos seus fiéis e adeptos de seus discursos:

Una-se conosco Constitucional<sup>10</sup> e desde já digamos a essas infelizes populações do centro da província: Expulsai o Frei Caetano de Messina porque, zombando de vossa boa fé, envergonha-vos diante dos que vos consideram. Expulsai-o, porque é um aventureiro.<sup>11</sup>

Vendo pela ótica desses dois periódicos, Messina utilizou-se de fanatismo e eloquência para controlar a população através do seu poder simbólico, dando corpo e a um inimigo invisível, provocando e até incitando atos violentos em nome da fé cristã, travando uma batalha árdua para a imprensa local que vinha a todo custo tentando conter o avanço de seus ensinamentos expondo de forma direta a postura do homem que viera para trazer paz e renovar a fé da população, mas onde na verdade vinha deixando um rastro de desavença nos lares.

## 4. DIÁRIO DE SÃO PAULO: O BOM MESTRE

Ao contrário da narrativa trazida pelo *Correio* e a *República*, o *Diário de São Paulo* se mostrou não somente concordante, mas apoiador das ações de Messina. A narrativa deste periódico narra o ocorrido com republicações do periódico *Imprensa de Taubaté*<sup>12</sup>. De acordo com o mesmo, o período, de quase um mês, em qual o Frei se

---

ano XXIII, p.2. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/090972\\_03/7742](http://memoria.bn.br/DocReader/090972_03/7742). Acesso em 10 de fev. de 2022

<sup>9</sup> Ver nota 04.

<sup>10</sup> O Constitucional era um jornal político, primeiro jornal diário de São Paulo, fundado em 1853.

<sup>11</sup> "CHRONICA POLÍTICA". *A República*. São Paulo, n. 3, 05/07/1876, ano I, p.3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/362620/7>. Acesso em 10 de fev. de 2022

<sup>12</sup> Essa pesquisa está sendo realizado em um período pandêmico onde há bastante limitação de acervos físicos. Por isso o nosso acesso as fontes de periódicos se limitam a Hemeroteca Digital. A mesma não possui os arquivos do periódico da *Imprensa de Taubaté*.

hospedou em Taubaté foi de grande renovo de fé para aquela população. Infelizmente o acervo do *Diário* está incompleto, e só tivemos acesso a partir do mês de julho<sup>13</sup>, não identificando as publicações referentes ao mês de Junho. A primeira detectada é do dia 13 de julho e é referente ao domingo 25 de junho<sup>14</sup>. De acordo com o relato depois de uma semana na cidade o Frei já tinha conseguido chamar a atenção da população reunindo mais de 9000 mil pessoas na missa dominical, onde ele convocou os fiéis para no dia seguinte aplanarem o terreno do Convento de Santa Clara. O periódico afirma que no dia seguinte apareceram cerca de 700 homens com enxadas e 400 mulheres para carregar a terra. Tanto foi o movimento que a própria Câmara municipal enviou alimento para essa grande massa de pessoas. Além disso, durante o decorrer da semana, o Frei edificou a primeira pedra fundamental da capela da cidade. A manchete é encerrada com “Viva Frei Caetano de Messina”<sup>15</sup>, enfatizando o apoio do periódico não somente ao Frei, mas ao movimento de apregoação católica, por ser este periódico mais tradicional.

A publicação do dia 16 de julho destaca mudanças que o frei realizou: “O que não se pôde conseguir por todos os meios humanamente delineados, se consegue com facilidade com a palavra de Deus.”<sup>16</sup>. Ou seja, o Frei tinha um poder de convicção, aliado com o discurso religioso, muito grande com a população e na política local. Não somente pela fama nacional do mesmo, mas por ações antigas por essa região realizado anos anteriores no início de sua missão no Brasil. A mudança relata na manchete é a troca do dia da quitanda, antes realizada nos domingos para o dia de sábado. Mas qual seria a razão dessa intervenção de Messina na cultura comercial dessa freguesia? justamente por domingo ser o dia de missa, o dia do Senhor, e muitos fiéis estarem faltando para estar na quitanda. Por realizar tal fato recebeu “aclamações, vivas, foguetes, geral alegria, elevarão-se ao humilde revd. septuagenario”<sup>17</sup>.

---

<sup>13</sup> Através da plataforma da Hemeroteca Digital. Disponível em: <http://memoria.bn.br>

<sup>14</sup> “TAUBATÉ”. *Diário de São Paulo*. São Paulo, n. 3180, 13/07/1876, ano XI, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/709557/11994>. Acesso em 10 de fev. de 2022

<sup>15</sup> *Ibidem*.

<sup>16</sup> “CAPUCHINHO”. *Diário de São Paulo*. São Paulo, n. 3183, 16/07/1876, ano XI, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/709557/12006>. Acesso em 10 de fev. de 2022

<sup>17</sup> *Ibidem*.

Na perspectiva do *Diário*, o Frei não realizava apenas mudanças e exigências, ele insistia na pregação e exortação continua. A publicação do dia 20<sup>18</sup> ressalta que o frei pregava todos as noites. Os sermões, as doutrinas eram a pedra fundamental da sua missão em 1876. Ele não se limitava ao que o governo permitia sim ou não, ele seguia o padrão de Roma e questionava coisas já ignoradas pela sociedade, como a sacramentalidade matrimonial e em poucos dias realizou muitos casamentos e reconciliou muitos casais separados.

Outras fontes, de anos seguinte ao ocorrido, ajudam a compreender outras ações do Frei em Taubaté. Como a publicação de 1935 no periódico *Correio Paulistano*<sup>19</sup>, já citado anteriormente, é informado um número aproximado de fiéis que se confessaram e participaram da Eucaristia: cerca de 14 mil pessoas. Além de ter erguido “cinco cruzeiros em hora das cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo”<sup>20</sup>, mandar capinar o cemitério da cidade, arborizar a cidade e montar uma comissão responsável em angariar fundos para a fundação de um colégio feminino católico. Na narrativa dessa publicação, no dia da partida de Messina toda a população se entristeceu, mas sentiam grande felicidade gratidão pelo renovo no local.

Nas publicações do Diário todos os adjetivos referentes ao Frei sempre são elogios: bondoso, anjo, carinhoso, leal servo, amado... Ela perpetua a visão normalmente associada ao Frei Messina. Até hoje muitos blogs, vídeos sobre ele são, em grande maioria, são engrandecimentos a vida e ações dele.

## 5. VILÃO OU HERÓI?

A Historiadora Tânia Regina de Luca (2015) ressalta a importância de analisar a fonte periódica através do seu viés político. O jornal *O Correio* e *A República* têm teor liberal, e por isso se mostrava contra as ações re-doutrinadoras do Frei, a categorizando de fanatismo, exagero e imposições de poder. Na visão deste jornal o Frei estava montando basicamente uma nova seita, machucando e privando pessoas fisicamente e psicologicamente. Já o *Diário de São Paulo*, jornal conservador, o mostra

---

<sup>18</sup> “TAUBATÉ”. *Diário De São Paulo*. São Paulo, n. 3186, 20/07/1876, ano XI, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/709557/12017>. Acesso em 10 de fev. de 2022

<sup>19</sup> Ver nota 04.

<sup>20</sup> *Ibidem*

de forma totalmente contrária. O Frei seria o salvador da fé de Taubaté, reavivava os fiéis, ajustava e modificava coisas para o bem da população.

Era comum a chegada de uma figura clerical importante alterar o planejamento semanal de uma região. Crianças não iam para a escola, trabalhadores não iam trabalhar, a cidade parava pra receber e prestigiar. Entretanto, de qual forma o Frei fez isso? O *Diário* fala sempre que os que iam aos sermões eram fiéis avivados, ou os que iam trabalhar em alguma causa eram voluntários. O *Correio* por sua vez diz que o Frei utiliza de seu poder religioso, do argumento do pecado para conseguir dinheiro e força braçal, além de promover o autoflagelamento para perdão das falhas. De acordo com Jacqueline Ahlert (2019) “Já em 1613, existem referências à prática de flagelos entre os indígenas missionários.” (p. 308). Autoflagelos estavam ligados a purificação de pecados graves, e também em devoção ao Cristo crucificado. Foram praticados durante a história do Brasil. No período pesquisado tal prática já não era mais tão comum, a não ser durante a semana santa onde a prática era mais “comum”. No *Diário* não há citação sobre esse ocorrido, e nem o *Correio* deixa claro se tal ato foi a mandato do Frei.

Ao analisar as narrativas expostas nos conteúdos dos sermões percebe-se semelhança com toda a doutrina proposta no Vaticano I (1869-70). A sacramentalidade do casamento, o pecado do divórcio, o pecado das ausências na missa, a necessidade de ajuda dos leigos nas causas católicas e principalmente a questão da Maçonaria. Em ambas as vertentes dos periódicos fica claro a falta de preocupação do Frei em respeitar as imposições da Coroa e seguir o que de fato era pedido por Roma. Isso foi visto como algo benéfico e maléfico, mas o Frei não parecia focado em manter sua cordialidade política como fez desde que chegou ao Brasil, e a maior prova, já citada, foi ter abandonado seu posto de conselheiro do Império. As suas críticas contra os estrangeiros foram interpretadas pelo *Diário* como um valor pela própria nação e contra as heresias protestantes, e pelo *Correio* e a *República* como uma lata intolerância.

Não há como de fato compreender o que ocorreu durante esse mês em Taubaté. Em ambas as visões se vê embasamento no cenário político-religioso do período, mesmo com exageros. Como já citado não é do nosso cacife classificá-lo como Herói ou

Vilão. Ele foi um importante figura clerical na história brasileira, e como um ser humano teve atos bons e ruins, era um sujeito de seu tempo.

## 6. CONCLUSÃO

Após a sua jornada em São Paulo ele parte para o Uruguai em 1877 e falece no dia 09 de janeiro de 1878 na cidade de Montevideo de ataque de apoplexia. O frei deixa um legado grande de obras e ações no Brasil. Ele se torna um dos pioneiros no Brasil na reação a defasagem doutrinária católica no país, mesmo antes da Laicidade de 1890 e a Carta do episcopado brasileiro (1890) em incentivo de ações de redoutrinação.

Mesmo os periódicos que se posicionavam contra ele relatam sua morte com palavras de pesar e elogios a jornada da sua vida. É notória a importância dessa figura e se faz necessário mais trabalhos e pesquisas debruçadas na sua figura.

## 7. REFERÊNCIAS

AHLERT, Jacqueline. Entre imagens, celebrações e autoflagelos: aspectos das práticas religiosas coletivas nas missões Jesuíticas da Província Paraguai. Revista Eletrônica da ANPHLAC, ISSN 1679-1061, Nº26, p.295-319, Jan./Jul., 2019.

AO. Karsburg - Os apóstolos dos sertões brasileiros: uma análise sobre o método e os resultados das missões religiosas dos capuchinhos italianos no século XIX. Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol. 28, no 55, p. 51-64, janeiro-junho 2015

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

COSTA, Alexandre Basto Alves. Missão imperial oitocentista: Frei Caetano de Messina e os capuchinhos italianos no processo civilizador em Pernambuco. 2017. 227 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências humanas, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanesi. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

MENEZES, Evily. "Tempo de lutar e de queimar: o processo do campo religioso católico no Recife (1902-1906)". Anais Eletrônico do XIII Encontro Estadual de História. Recife: Câmara Brasileira de Livros, 2020.

SANTIROCCHÉ, Ítalo Domingos. Uma questão de Revisão de conceitos: Romanização – Ultramontismo – Reforma. Temporalidades - Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG, vol. 2, n.º 2, Agosto/Dezembro de 2010 - ISSN:1984-6150 - [www.fafich.ufmg.br/temporalidades](http://www.fafich.ufmg.br/temporalidades)